
CAPÍTULO 3

Gustavo Benevenuti Machado¹

APRESENTAÇÃO

Para elaborarmos as atividades que compõem esse capítulo, levamos em consideração a perspectiva funcionalista, no que se refere à contextualização da gramática, isto é, a ideia de uma gramática em uso e em constante adaptação.

Antes, no entanto, de analisarmos as questões gramaticais e seus respectivos contextos, é indispensável traçarmos uma apreciação a respeito do que propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais² (PCN) a respeito do ensino de língua portuguesa no Brasil.

Para os PCN, o ensino da Língua Portuguesa, durante muito tempo, se pautou puramente em aspectos gramaticais. Essa perspectiva de ensino que privilegia a nomenclatura, em análises descontextualizadas de frases soltas contribui para

¹ Mestre em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa - pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e atualmente aluno de Doutorado nesta mesma instituição.

² Refere-se aos PCNs, já que a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) de Ensino Médio, nível para o qual as questões foram elaboradas, ainda não chegou em sua versão final até a presente data de elaboração deste capítulo. Assim, ainda vigoram, portanto, como apoio metodológico as referências indicadas pelos PCN no ano de 2000.

o fracasso do ensino de Língua Portuguesa no Brasil, uma vez que esse modelo de estudo gramatical aparece nos planos curriculares, ainda hoje, desde os anos iniciais, sem que os alunos, até as séries finais de Ensino Médio, dominem efetivamente essas análises. A confusão, portanto, entre norma e normativismo é o grande problema enfrentado na realidade escolar ainda nos dias de hoje. O que deveria ser, então, um exercício para ler/escrever/falar se transforma em uma “camisa de força” incompreensível.

Além disso, os PCN apontam também para a necessidade de se pensar em uma língua situada no emaranhado das relações humanas, isto é, na realidade social dos alunos. Nesse sentido, o ensino de língua não pode estar dissociado dos aspectos sociais. Desse modo, o processo de ensino/aprendizagem de língua materna deve priorizar seu principal objeto de estudo: o texto. Partindo-se dessa premissa, o aluno deve ser considerado um produtor efetivo de textos, ou seja, aquele que pode ser entendido pelos textos que produz e que o constituem como ser humano. Nessa perspectiva, destaca-se a natureza social e interativa da linguagem, em contraposição às concepções tradicionais, deslocadas de seu uso social. O trabalho do professor deve se centrar, então, no desenvolvimento e na sistematização da linguagem interiorizada pelo aluno. Assim, os conteúdos tradicionais de ensino de língua (a nomenclatura, por exemplo) devem ser deslocados para um segundo plano, já que o estudo da gramática passa a ser uma estratégia de compreensão/interpretação/produção de textos. Foi, portanto, com base nessa perspectiva que elaboramos as questões deste capítulo.

Em nossa proposta prática, optamos por desmistificar a noção de metalinguagem no ensino de língua portuguesa, privilegiando análises funcionais e sociais da língua. Isso porque, conforme Marcuschi (2003, p. 50), “não se vai longe sem gramática e não se usa a gramática a não ser para produzir textos”. Além disso, o autor afirma ainda que atividades de compreensão textual não devam ser consideradas uma simples atividade de decodificação de um conteúdo ou uma atividade de cópia, da qual se extrai informações. O exercício de compreensão deve levar à reflexão crítica sobre o texto e sobre a gramática, construindo diferentes sentidos para isso.

Marcuschi (2003) caracteriza algumas perguntas de compreensão de textos encontradas em análise de livros didáticos. Dessas tipologias, elegemos, para a elaboração de nossas questões, perguntas (i) inferenciais (questão 05, por exemplo), mais complexas, que exigem conhecimentos textuais, sejam eles pessoais, contextuais ou enciclopédicos, bem como regras inferenciais e análise crítica; (ii) globais (questão 01, por exemplo), que levam em consideração o texto como um

todo, refletindo aspectos extratextuais, envolvendo aspectos inferenciais e, por último, (iii) metalinguísticas (questão 03, por exemplo), perguntas que indagam questões formais, geralmente da estrutura do texto ou de aspectos gramaticais, de modo contextualizado e sem privilegiar nomenclaturas. Esses três tipos de perguntas foram organizados de modo gradativo de complexidade, em torno de textos que dialogam a respeito do empoderamento feminino na sociedade, bem como a noção de lugar de fala da mulher, já que o intuito de uma proposta prática é, dentre outros aspectos, o de refletir criticamente sobre o mundo.

PROPOSTA DE ATIVIDADES

Os textos que se seguem estão dispostos em sequência para que você possa refletir a respeito da posição da mulher na sociedade. Para isso, é preciso levar em consideração o eu lírico (se feminino, atribuindo voz à mulher; se masculino, abafando a voz da mulher), as características atribuídas ao gênero feminino, além, é claro, de questões que envolvem a objetificação, o empoderamento, como representação do universo social.

Para maiores reflexões, observe o conceito de feminismo contemporâneo:

“O feminismo contemporâneo começou na década de 1990. Alguns pontos se destacam, como o discurso pela propriedade do corpo e as questões de gênero. Assim, o discurso do “meu corpo, minhas regras” abriu precedentes para o “meu corpo biológico não dita minha escolha de gênero”. O corpo é a questão central, e o que fazer com ele é uma escolha individual.”

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-feminismo/>

Leia os textos que se seguem e responda às questões de 1) a 4).

TEXTO I

Mulher do fim do mundo

Meu choro não é nada além de carnaval
É lágrima de samba na ponta dos pés
A multidão avança como vendaval
Me joga na avenida que não sei qual é
Pirata e super homem cantam o calor
Um peixe amarelo beija minha mão
As asas de um anjo soltas pelo chão
Na chuva de confetes deixo a minha dor
Na avenida, deixei lá
A pele preta e a minha voz
Na avenida, deixei lá
A minha fala, minha opinião
A minha casa, minha solidão
Joguei do alto do terceiro andar
Quebrei a cara e me livrei do resto dessa vida
Na avenida, dura até o fim
Mulher do fim do mundo
Eu sou e vou até o fim cantar

(Elza Soares - 2017)

TEXTO II

Prepara

Prepara, que agora é a hora
Do show das poderosas
que descem e rebolam
Afrontam as fogosas
Só as que incomodam
Expulsam as invejosas
Que ficam de cara quando toca
Prepara
Se não tá mais à vontade, sai por onde entrei
Quando começo a dançar, eu te enlouqueço, eu sei
Meu exército é pesado, e a gente tem poder
Ameaça coisas do tipo: Você!
Vai!
Solta o som, que é pra me ver dançando
Até você vai ficar babando
Para o baile pra me ver dançando
Chama atenção à toa
Perde a linha, fica louca
[...]

(Show das Poderosas – Anitta – 2013)

TEXTO III

Isto aqui, o que é?

Isto aqui ô ô,
É um pouquinho de Brasil, iá iá
Deste Brasil que canta e é feliz,
Feliz, feliz
É também um pouco de uma raça,
que não tem medo de fumaça ai, ai,
E não se entrega não
Olha o jeito nas cadeiras que ela sabe dar,
Olha só o remelexo que ela sabe dar
Olha o jeito nas cadeiras que ela sabe dar,
Olha só o remelexo que ela sabe dar
Morena boa que me faz penar,
Poe a sandália de prata,
E vem pro samba sambar.
Morena boa que me faz penar,
Poe a sandália de prata,
E vem pro samba sambar.

(Ary Barroso - 1942)

- 1) As canções anteriores expõem visões diferentes em relação à figura feminina. Levando isso em consideração, responda:
 - a) Os textos I e II expõem uma visão mais libertária da figura feminina? Explique como a mulher é caracterizada nesses textos.
 - b) Ainda em relação aos textos I e II, explique as críticas sociais por eles apontadas.

- 2) Com relação ao texto III, responda:
 - a) No período “Morena boa que me faz pensar”, há uma caracterização dessa “Morena boa”, reforçada pelo adjetivo “boa” e pela oração adjetiva “que me faz pensar”. Levando em conta isso, explique que visão o *eu lírico* parece ter dessa mulher.
 - b) Fazendo uma comparação, informe o eu lírico em cada um dos textos anteriores e, em seguida, explique que reflexão social se pode verificar a partir disso, no que se refere ao feminismo na sociedade. Para tanto, leve em consideração os aspectos cotextuais e contextuais.

- 3) Releia o texto II:

“Prepara, que agora é a hora / Do show das poderosas / que descem e rebolam”.

No trecho, há dois *quês* marcados. Partindo-se da premissa que o “que” é considerado como o conector universal, isto é, podendo apresentar diferentes funções na língua, como a de conjunção causal e a de pronome relativo, explique, em relação aos exemplos anteriores, as diferenças entre esses usos.

4) Releia:

“Afrontam as fogosas / Só as **que** incomodam / Expulsam as invejosas”. (Texto II)

“É também um pouco de uma raça, **que** não tem medo de fumaça”. (Texto III)

Os *quês* marcados nos versos anteriores possuem três funções: (i) ligar termos ou orações; (ii) retomar o antecedente nominal e (iii) exercer função sintática nas orações em que se inserem. Justifique essa afirmativa, analisando os exemplos anteriormente destacados.

Leia o texto a seguir e responda às questões 5) e 6).

TEXTO IV

5 dicas para você não passar vergonha ao falar sobre feminismo

Esse texto é para você, homem, que também acredita na importância da luta pela igualdade de gêneros

Primeiramente, eu queria dizer que este não é um texto para aqueles homens que odeiam o feminismo e que abominam a hipótese de escutarem uma mulher tentando explicar porque o movimento é importante. Se este é seu caso, recomendo que você leia esse artigo aqui—[que é um guia prático maravilhoso, de homem para homem, que talvez te faça compreender essa luta]. Poupe-se de me xingar, me odiar, me chamar de “feminazi” ou mal amada. Eu não te entendo, você não me entende. Vamos seguir as nossas vidas.

Não, esse texto não é para esse grupinho de homens incompreensíveis. Esse aqui é para vocês, que simpatizam com o feminismo, mas que ainda assim escutam uns xingos quando se pronunciam a respeito. Para aqueles que realmente querem contribuir com a nossa luta, mas nem sempre são

recebidos de braços abertos, e aí pensam: “Po, eu só queria ajudar. O que será que eu estou fazendo de errado?”.

Calma, a gente entende. Não é só você, é o sistema. É difícil mesmo. Mas eu vou tentar te explicar porque algumas atitudes nos irritam tanto e porque é importante mudar sua postura diante de alguns acontecimentos. Vem comigo!

[...]

adaptado - <https://medium.com/revista-subjetiva/5-dicas-para-voc%C3%AA-n%C3%A3o-ser-um-babaca-ao-falar-sobre-feminismo-23abaefe4413> – acessado em 20/10/18

5) Releia:

“Esse texto é para você, homem, que também acredita na importância da luta pela igualdade de gêneros.”

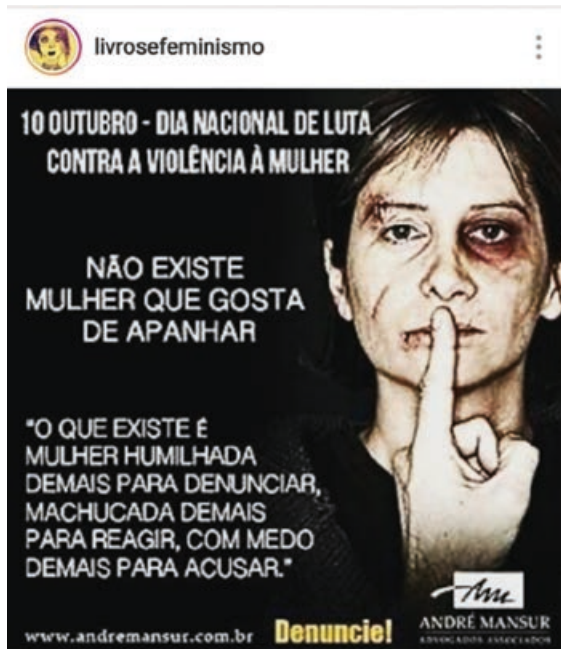
Ao afirmar que o texto sobre o feminismo se refere aos homens que acreditam nessa luta, marca-se a importância desse gênero nessa luta social, cuja principal vítima é a mulher. Levando isso em consideração, explique de que modo isso se diferencia do texto III, em relação ao protagonismo feminino.

- 6) Sabe-se que, segundo Kury (1993)³, as adjetivas explicativas podem assumir leitura circunstancial, à semelhança das orações adverbiais. Comprove, então, essa ideia, analisando a oração em destaque no primeiro parágrafo do texto IV.

Leia o texto a seguir e responda às questões de 8) a 10).

³ Kury (1993, p. 83), ao tratar das subordinadas adjetivas, destaca orações que podem exprimir, além do valor qualificativo ou atributivo, matizes circunstanciais de causa, concessão, condição, consequência e fim.

TEXTO V



Instagram/livrosefeminismo

- 7) O texto V é um texto que articula elementos verbais e não verbais. Levando isso em consideração, diga:
 - a) Qual o propósito comunicativo desse texto?
 - b) Explique de que modo o uso do verbo no imperativo, em relação à imagem, contribui para reforçar esse propósito.

- 8) O texto V pode ser considerado um texto argumentativo. Com base nisso:
 - a) Explique de que modo a imagem corrobora com esse apelo argumentativo. Além disso, procure relacionar o silenciamento da mulher nesse texto ao que ocorre no texto III, a partir de suas reflexões.

- b) Na oração “*não existe mulher que gosta de apanhar*”, explique como a caracterização atribuída à mulher pela oração adjetiva contribui para a argumentação desse texto.

- c) Além dos aspectos visuais, os aspectos linguísticos também reforçam a argumentação no texto. Destaque outro argumento presente e, em seguida, explique como a organização dessa informação parece reforçar seu conteúdo enfático/argumentativo.

SUGESTÃO DE RESPOSTAS

1)

- a) O aluno deve inferir que nos textos I e II a mulher assume a própria voz e, por isso, pode se caracterizar do modo como melhor se identificar na sociedade, sem julgamentos.
- b) Esses textos expõem a objetificação do corpo feminino, isto é, a sexualização da mulher por parte do homem.

2)

- a) É interessante destacar que, diferentemente do que ocorre nos textos I e II, o texto III apresenta o eu lírico masculino. Assim, trata-se de uma visão masculina estereotipada em relação ao corpo da mulher. O eu lírico, então, assume uma postura avaliativa em relação ao corpo feminino.
- b) Como dito antes, o eu lírico dos textos se apresenta de modo diferente. Nas músicas de Elza Soares e Anitta, a própria mulher constitui o eu lírico e, por isso, possui a decisão de como se caracterizará. Diferentemente do que ocorre na música de Ary Barroso, que reflete a visão machista da época, por meio do eu lírico masculino, reforçando a adoração ao corpo da mulher.

3)

Nessa questão, de cunho gramatical, mas não de nomenclatura, o aluno deve repensar os usos dos *quês* no Português. Para isso, é importante que o professor explique o quão multifuncional é esse conector. Nos versos em destaque, os *quês* assumem, respectivamente, papel de conjunção subordinativa causal, a semelhança de “porque” e o papel de pronome relativo, cujo antecedente nominal é “poderosas”.

4)

Os *quês* em destaque assumem, nesses contextos, o comportamento de pronome relativo, isto é, introdutor de orações adjetivas. Em relação aos versos do Texto II, o *que* retoma o antecedente [as], cujo papel é de pronome demonstrativo, exercendo a função sintática de objeto direto, ligando termos. Já em relação aos versos do Texto III, o *que* retoma o antecedente nominal [uma raça], exercendo a função sintática de sujeito da oração, ligando orações.

5)

A diferença entre o texto IV e o texto III é a visão do homem em relação ao machismo na sociedade. Ao passo que em III o homem reforça estereótipos machistas, em IV o homem passa a ser aquele que, juntamente com as mulheres, procura combater visões machistas que ainda imperam na sociedade.

6)

A visão de Kury (1993) pode ser comprovada pelo trecho em análise, já que a oração [que é um guia prático maravilhoso, de homem para homem, que talvez te faça compreender essa luta] pode ser lida por meio de uma circunstância de causa, a semelhança de [já que é um guia prático maravilhoso...]. Cabe destacar aqui a ideia de que, embora apresente leitura circunstancial, a oração em análise continua sendo uma oração adjetiva, já que possui antecedente nominal, característica exclusiva das orações adjetivas.

7)

- a) O propósito do texto V é promover a denúncia de agressões a mulheres.
- b) O verbo “Denuncie” é o verbo que se encontra no modo imperativo. O uso desse modo verbal reafirma o propósito do texto, dialogando diretamente com o interlocutor.

8)

- a) Na imagem, a mulher está sendo silenciada por um homem, representado pela mão, em pedido de silêncio. É possível relacionarmos isso ao Texto III, cujo eu lírico é um homem, o que retrata a visão social machista de que mulheres não têm voz.
- b) Desempenha o papel de um adjetivo, além de caracterizar ou atribuir modificação de sentido ao substantivo a que se refere, avaliar/opinar. Nesse sentido, a oração adjetiva surge com o comportamento de um argumento nesse texto, em que fica evidente a opinião do autor a respeito do assunto.
- c) O outro argumento presente é a oração que se encontra entre aspas. Trata-se de uma oração adjetiva *desgarrada*, isto é, sem sua oração principal. É importante destacar que, para Decat (2011), o *desgarramento* é um importante recurso enfático e argumentativo, tal como ocorre nesse texto.

REFERÊNCIAS

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. **Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2011.

KURY, Adriano da Gama. **Novas Lições de Análise Sintática**. Rio de Janeiro, Ática, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Compreensão de texto: algumas reflexões. In: DIONIZIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. 2ed. Ed: Lucerna. SP. 2003.

MEC - PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (ENSINO MÉDIO) – 2000.